

A EDUCAÇÃO DE SUPERDOTADOS: PROGRAMAS QUE ESBARRAM EM MITOS

Ana Maria Iribarem Soares da Trindade¹

Resumo: O presente artigo apresenta alguns mitos que fazem parte da concepção de superdotação comum entre educadores brasileiros. Apresenta o conceito atual de superdotação/altas habilidades adotada pela legislação do país. Descreve algumas alternativas de atendimento aos alunos portadores de altas habilidades em âmbito escolar. Discute alguns dos principais mitos que podem ser entraves à implementação de programas de atendimento aos alunos que apresentem capacidades superiores em áreas diversas. Alerta para a importância do estabelecimento de políticas educacionais locais para o atendimento de tal clientela. Conclui que a superação de algumas crenças sobre a educação dos indivíduos superdotados pode levar a um atendimento adequado, para que a perda de talentos seja minimizada, ao menos em nível local.

Palavras-chave: educação especial; educação inclusiva; superdotação

Abstract: This article presents some myths related to giftedness that are common among Brazilian educators. It presents the adopted concept of giftedness that is part of the country's legislation. It presents some of the alternatives to assist gifted students at school. It discusses some of the main myths that may be obstacles to the implementation of enrichment programs to students who present high abilities in different areas. It considers the importance of establishing local educational policies to assist those students. It concludes that the overcoming of some myths about gifted special education may lead to an adequate assisting program, in order to minimize the talent loss at local level.

Key words: special education; inclusive education; giftedness.

¹ Professora de Inglês do Colégio Militar de Curitiba.
Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná.
e-mail: anamariatrindade@terra.com.br

Considerações iniciais

A educação de superdotados é complexa e, por muitas vezes, esbarra em mitos que são comuns aos educadores brasileiros. Quando se fala em educar os mais dotados, é comum ouvir argumentos que questionam o porquê em se oferecer um programa especial a tal clientela em um país que apresenta um número enorme de estudantes com deficiências graves e que não dispõe de programas de recuperação adequados. Surgem muitas dúvidas quanto à validade de um investimento, não só de recursos financeiros, mas de recursos humanos, para dar conta da educação especial do superdotado, já que ele é visto como um ser privilegiado, que não necessita de apoio para que seus talentos continuem a se desenvolver.

Na verdade, isto não passa de uma falácia, já que o indivíduo portador de altas habilidades é portador de necessidades especiais que devem ser atendidas não somente em âmbito familiar, como também em âmbito escolar. O papel da família é o de reconhecer e estimular desde cedo as habilidades de seus filhos. “Os pais têm a oportunidade, a possibilidade e a responsabilidade de interagir de modo a estimular positivamente os talentos de suas crianças e adolescentes, favorecendo a construção de seu futuro.” (DELOU,2007, p.136) À escola cabe oferecer programas e experiências diversas que estimulem as habilidades de seus alunos mais talentosos, para que estes possam desenvolver suas potencialidades e se tornar adultos produtivos e adaptados.

Vários autores elaboraram trabalhos acerca de mitos e realidades sobre indivíduos portadores de altas habilidades. Winner (1998, p.7) afirma que “Nenhuma sociedade pode se dar ao luxo de ignorar seus membros mais superdotados e todas devem refletir seriamente como melhor nutrir e educar o talento.” A autora enumera e desvenda nove mitos sobre superdotação, numa tentativa de esclarecer a importância de educar os superdotados desde cedo. Alencar (2001) e Sabatella (2005) também desenvolvem trabalhos acerca dos mitos sobre a superdotação, elencando uma série de crenças comuns entre pais e educadores brasileiros que não são verdadeiras, mas que estão, de certa forma, enraizadas no pensamento de quem tem a responsabilidade sobre a educação neste país. Os principais mitos descritos por estas autoras são:

- a) A superdotação como sinônimo de genialidade;
- b) A boa dotação intelectual é condição suficiente para uma alta produtividade na vida adulta, independentemente das condições ambientais;
- c) Nem a criança, nem seus pais devem ser informados a respeito das habilidades superiores do indivíduo;
- d) A criança superdotada apresenta necessariamente um bom rendimento na escola;
- e) Superdotação é um fenômeno raro;
- f) É impossível reprimir o talento em algumas pessoas e desenvolvê-lo em outras;
- g) Os superdotados não precisam de atendimento especial;
- h) O atendimento para superdotados coloca-os em posição de elite.

Todas as afirmações acima são falsas e acredita-se que, alguns destes mitos podem fazer com que programas de atendimento aos alunos com indicadores de altas habilidades não sejam implementados em caráter regular nas escolas. Sabe-se que os gastos com a educação dos superdotados são praticamente os mesmos da educação regular (CAMPINO, 1988), portanto a questão financeira não parece ser um entrave para a educação especial de alunos mais capazes. Este artigo tem por finalidade revisar alguns dos mitos acima e propor sua superação. A desmistificação destas crenças justifica-se à medida que o conhecimento sobre a importância da educação sobre crianças e jovens com potencial superior pode abrir caminhos para a implementação de programas especiais de atendimento ou, pelo menos, para a elaboração de currículos adaptados que privilegiem a criança com potencial superior.

Quem são os superdotados?

A palavra superdotado era utilizada, inicialmente, para descrever somente aqueles indivíduos que alcançavam um escore altíssimo no teste de Quociente Intelectual (QI) (SABATELLA, 2005). O teste chegou a ser utilizado como único instrumento para a detecção de boa dotação intelectual na escola e, portando,

para a rotulação do aluno como superdotado. Atualmente a definição brasileira considera os educandos com altas habilidades/superdotação aqueles que apresentam grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes (BRASIL, 2001, Art. 5º, III). As Diretrizes gerais para o atendimento educacional aos alunos portadores de altas habilidades/superdotação e talentos (BRASIL, 1995) postula que as pessoas com altas habilidades/superdotação são os educandos que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou Combinados:

- a) Capacidade Intelectual Geral;
- b) Aptidão Acadêmica Específica;
- c) Pensamento Criativo ou Produtivo;
- d) Capacidade de Liderança;
- e) Talento Especial para Artes;
- f) Capacidade Psicomotora.

Segundo Virgolim (2007), “Os alunos com altas habilidades necessitam de serviços educacionais diferenciados que possam promover seu desenvolvimento acadêmico, artístico, psicomotor e social, o que inclui métodos de ensino adaptados às suas necessidades especiais.” Estes serviços educacionais podem ser oferecidos em diversas modalidades, sejam elas a compactação de currículo, a aceleração de estudos e o programa de enriquecimento. Este último pode ser encontrado em mais de uma forma, seja no aprofundamento de experiências acadêmicas ou na realização de um programa que desenvolva o potencial criador dos educandos através de uma metodologia baseada em resolução de problemas.

O Colégio Militar de Curitiba contava, em 1998, com um programa de atendimento a jovens com indicadores de superdotação/altas habilidades. A modalidade adotada para o trabalho com os alunos era o de enriquecimento, e a metodologia utilizada para o trabalho era a de Edward de Bono e suas “Ferramentas para Pensar”. O trabalho foi interrompido no ano de 2003, pois a visão que se tinha do atendimento era a de que ele era elitista e deveria ser aplicado a todos os

alunos. Além disso, naquela época, o investimento em fontes externas se fazia necessário, já que a metodologia necessitava do acompanhamento de uma equipe que não fazia parte do quadro permanente do sistema.

Sabe-se que nem todos os alunos são providos de capacidades superiores. Winner (1998) desvenda o mito de que todas as crianças seriam superdotadas e as crianças deste grupo “têm necessidades especiais, não menores que as crianças com retardo ou distúrbio de aprendizagem” e que “além disso, elas são o nosso capital humano, uma promessa para nosso futuro” (WINNER, 1998, p. 17), justificando, assim, o atendimento diferenciado a suas necessidades especiais na escola.

Outros mitos se fazem presentes, ainda hoje, na comunidade escolar. Estas crenças podem dificultar o entendimento da importância de um programa que beneficie a comunidade escolar superdotada. De acordo com levantamentos feitos de 1996 a 2003, notou-se que uma considerável parte dos alunos do Colégio Militar de Curitiba era composta de indivíduos com um potencial superior, o que justificava a existência de um programa de enriquecimento que atendesse às necessidades especiais dos alunos.

A seguir, elucida-se alguns dos mitos acerca dos portadores de altas habilidades. O objetivo é o de desfazer idéias errôneas acerca do assunto, comum no pensamento de pais e professores.

A superdotação como sinônimo de genialidade

O prefixo “super” nos leva a situar a superdotação como capacidades que se situam em um nível muito além do apresentado por um ser humano comum. O termo “gifted” também sugere algo dado por Deus, inato, não considerando, portanto, os efeitos do ambiente na superdotação. Na verdade, o gênio é aquele que não apenas possui um talento relevante como também o utiliza de forma produtiva, gerando obras de valor. O superdotado é aquele indivíduo que, quando comparado à população geral, apresenta uma habilidade significativamente superior em alguma área do conhecimento. Esta perspectiva aumenta significativamente o número de superdotados existentes em nosso meio. (ALENCAR, 2001)

A boa dotação intelectual é condição suficiente para uma alta produtividade na vida adulta, independentemente das condições ambientais

A inserção de uma pessoa dentro de uma sociedade como cidadão útil é um processo complicado que não depende unicamente da inteligência, mas também de fatores emocionais, motivacionais, econômicos, sociais, etc. Não é muito difícil encontrar pessoas de inteligência média que são bem mais produtivas do que algumas pessoas extremamente inteligentes em virtude da influência de variáveis não-cognitivas.

É bastante disseminada a noção de que, embora possam sofrer revezes ao longo de sua vida que tendam a impedir-lhes de expressar plenamente o seu talento, os superdotados sempre superarão todas as adversidades. Ocorre, porém, que, infelizmente, pesquisas têm mostrado que crianças submetidas a um meio extremamente adverso freqüentemente desenvolvem bloqueios, medos, recalques e traumas que as deixam quase que completa e permanentemente incapazes de apresentar quaisquer indícios de capacidade mental superior ou até mesmo de desenvolver trabalho intelectual aceitável em nível mediano. (ALENCAR, 2001).

Nem a criança, nem seus pais devem ser informados a respeito das habilidades superiores do indivíduo

Esta noção surge da hipótese de que se uma criança ou adolescente for informado de que é superdotado ficará orgulhoso e, conseqüentemente, preguiçoso e pedante. Ocorre, porém, que o superdotado logo percebe a si mesmo como diferente dos demais, e os demais também logo o identificam como diferente. Caso não seja adequadamente informado acerca dos seus talentos e suas implicações, ele tenderá a perceber-se como inferior, “esquisito” e anormal, o que levaria a problemas bem piores do que os do orgulho (ALENCAR, 2001).

Também os pais devem ser informados a respeito das habilidades superiores de seus filhos para que possam estimulá-los e, juntamente com a escola, serem responsáveis pela manutenção de seus talentos, sem exigir que seus filhos sejam gênios. A correta compreensão, por parte dos pais, do que implica a superdotação, é de vital importância para o desenvolvimento das potencialidades de seus filhos.

A criança superdotada apresenta necessariamente um bom rendimento na escola

É verdade que a superdotação intelectual poderá favorecer o rendimento escolar, dada a maior facilidade em lidar com o conhecimento do tipo formal. Contudo isso não é o suficiente para garantir o sucesso acadêmico, tendo em vista que este último depende de múltiplos fatores e não apenas da aptidão individual. Uma criança intelectualmente superior imersa num ambiente condicionado e preparado para crianças medianas pode sofrer pressões que tenderão a prejudicar o seu rendimento escolar (ALENCAR, 2001).

Superdotação é um fenômeno raro

Talvez esta seja a maior de todas as falsas crenças em relação aos superdotados. No Brasil, segundo dados de 2006 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, existem 2.769 superdotados identificados. O número é bastante inferior ao que seria esperado, pois utilizando-se o critério do resultado em testes de inteligência válidos, espera-se que cerca de 5% ou uma em cada 20 das pessoas da sociedade em geral apresentem a superdotação em inteligência ou em criatividade. Caso seja utilizado o critério de inteligência e/ou criatividade, este número sobe para 10% ou uma em cada 10 pessoas. Buscando nas classes sociais mais altas, esta proporção, em virtude da influência do favorecimento educacional, médico e nutricional, tende a aumentar ainda mais (CAMPELLO DE SOUZA, 2009). Isso significa que há muitos superdotados ainda não identificados no meio escolar.

Na prática, de um colégio que juntasse 800 crianças de todas as classes sociais, poderíamos esperar cerca de 80 alunos com altas habilidades em áreas variadas. Estes alunos poderiam, por exemplo, compor turmas de atendimento especial dentro de um colégio.

Os superdotados não precisam de atendimento especial

Tem-se observado, no cenário nacional e internacional, um maior esclarecimento sobre a necessidade de se investir em programas para alunos com altas habilidades, bem como informar a comunidade em geral a respeito de altas habilidades/superdotação e das condições que podem levar a seu reconhecimento,

desenvolvimento e expressão. Para isso, é essencial o reconhecimento de que as necessidades do superdotado, que devem ser levadas em conta nas propostas educacionais, passam pelas áreas cognitiva, acadêmica, afetiva e social para que haja a oferta de uma variedade de modalidades de atendimento a este aluno (ALENCAR, 2001).

O atendimento para superdotados coloca-os em posição de elite

De acordo com Sabatella (2005), este mito data do atendimento segregado utilizado em alguns países, tais como os Estados Unidos, para atender às necessidades dos alunos academicamente superdotados. Estamos vivendo um paradigma de inclusão, em que o atendimento às necessidades educacionais dos educandos é exigido, não só pela lei, mas de forma a torná-los indivíduos aptos a desenvolverem suas potencialidades de forma autônoma.

Atualmente, no Brasil, os programas de atendimento a talentos/altas habilidades/superdotação, voltam-se não somente aos indivíduos academicamente bem dotados, mas a todos aqueles que apresentem altas potencialidades nas áreas em que a superdotação se apresenta.

É impossível reprimir o talento em algumas pessoas e desenvolvê-lo em outras

As condições ambientais desempenham um papel preponderante no desenvolvimento das altas habilidades. Se o indivíduo não for estimulado de forma satisfatória, suas habilidades podem embotar-se, e a este fator deve-se o grande desperdício de talentos em nosso país. A escola tem sido, ao longo dos tempos, um ambiente que não permite aos jovens talentosos o completo desenvolvimento de suas habilidades superiores, tornando-os, por vezes, jovens entediados e não conscientes de suas próprias capacidades superiores. Uma história atribuída a Mark Twain (apud ALENCAR, 2001) ilustra a importância do ambiente no desenvolvimento dos talentos:

Era um cientista (possivelmente psicólogo) interessado em realizar um estudo sobre a vida do maior general existente na face da terra. Após muito tempo de procura, este pesquisador foi informado que esta pessoa já teria morrido. Foi ele, então, até o céu, onde pediu a

São Pedro para mandar vir até ele a pessoa sobre a qual necessitava de informações para a sua pesquisa. Quando a suposta pessoa chegou, o pesquisador imediatamente retrucou: // - Não é esta a pessoa com quem desejo falar. Esta, São Pedro, eu a conheci por muitos anos. Foi um simples sapateiro na cidade onde vivi. // São Pedro respondeu: // -Teria sido, porém, o maior de todos os generais, registrado pela História, se tivesse tido as oportunidades e as condições ambientais adequadas para o seu desenvolvimento. (ALENCAR, 2001, p.101)

Isto pode estar acontecendo em nosso meio: por vezes, nem as pessoas que nos rodeiam, nem nós mesmos reconhecemos a verdadeira extensão de nosso potencial. Por isso, a devida atenção deve ser dada à colaboração que o meio possui na estimulação de grandes talentos.

Considerações finais

Os alunos com altas habilidades precisam de serviços educacionais diferenciados que possam promover seu desenvolvimento acadêmico, artístico, psicomotor e social. Sabe-se também que há um ganho de autonomia moral e intelectual para alunos superdotados que freqüentam a sala de recursos com programas especiais (SOARES, 2003).

Na atual conjuntura brasileira, faz-se necessária a abertura às modernas evidências de pesquisa sobre o aluno portador de altas habilidades, e que seu potencial seja considerado como promotor do desenvolvimento tecnológico, cultural e educacional de nosso país. Não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar nossas inteligências; há por toda parte um rico manancial de jovens esperando por melhores oportunidades e desafios às suas capacidades (VIRGOLIM, 2007). Existe toda uma estrutura que pode ser posta em prática para melhorar nossa realidade. Os investimentos podem ser mínimos, os resultados esperados podem ser enormes. O desafio que se põe é o de vencer medos e preconceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Eunice M.L. Soriano de; FLEITH, Denise de Souza. *Superdotados: determinantes, educação e ajustamento*. 2. ed. São Paulo: EPU, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Secretaria de Educação Especial. *Diretrizes gerais para o atendimento educacional aos alunos portadores de altas habilidades/superdotação e talentos*. Brasília: MEC/SEESP, 1995.

BRASIL. *Resolução n.º 02/2001*, instrui as Diretrizes Nacionais da Educação Especial para a Educação Básica. Brasília: Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica, 2001.

CAMPELLO DE SOUZA, B. *Idéias Errôneas Acerca dos Superdotados*. Disponível em: < <http://www.vademecum.com.br/sapiens/erroneas.htm> >. Último acesso em: 8 jul. 2009.

CAMPINO, Antônio Carlos Coelho. Os Superdotados: justificam-se os gastos especiais com sua educação? In: SANTOS, Oswaldo de Barros (Org). *Superdotados: quem são? Onde estão?* São Paulo: Pioneira, 1988.p.43-47.

DELOU, Cristina Maria Carvalho. O papel da família no desenvolvimento de altas habilidades e talentos. In: FLEITH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice M.L.S. *Desenvolvimento de Talentos e altas habilidades: orientação a pais e professores*. Porto Alegre: Artmed, 2007.p.131-141.

SABATELLA, Maria Lúcia Prado. *Talento e superdotação: problema ou solução?* Curitiba: Ibpx, 2005.

SOARES, Ana Maria Iribarem. *Considerações sobre a autonomia moral e intelectual em portadores de altas habilidades e as Ferramentas para Pensar: uma reflexão crítica*. 2003. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

VIRGOLIM, Angela M. R. *Altas habilidade/superdotação: encorajando potenciais*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

WINNER, Ellen. *Crianças superdotadas: mitos e realidades*. Trad. Sandra Costa. Porto alegre: Artes Médicas, 1998.